

**“O AUTOR DE SI MESMO”:
MACHADO DE ASSIS LEITOR DE
SCHOPENHAUER**

*Rosa Maria Dias**
rdiasm@aol.com

RESUMO *Esse texto tem por objetivo mostrar que Machado de Assis construiu a crônica “O autor de si mesmo” fazendo uso da metafísica do amor de Schopenhauer.*

Palavras-chave *Metafísica; Amor; Criança*

ABSTRACT *The following text aims to show that Machado de Assis shaped his chronicle “Author of one’s own” (“O autor de si mesmo”) by means of Arthur Schopenhauer’s metaphysics of love.*

Keywords *Metaphysics; Love; Child*

Machado de Assis publica na *Gazeta de Notícias* do dia 16 de junho de 1895 a crônica: “O autor de si mesmo”, baseada em um trágico e cruel acontecimento que resultou na morte de uma criança de dois anos. Nesse texto a temática é apresentada tendo como pano de fundo a compreensão que

* Professora do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Artigo recebido em 15/09/05 e aprovado em 15/11/05.

Schopenhauer tem do amor. Meu interesse aqui é mostrar como Machado percebe a obra “Metafísica do Amor” de Schopenhauer e a aplica para interpretar uma notícia que apareceu nas folhas de um jornal da sua época. Reproduzo a seguir a crônica do Bruxo de Cosme Velho:

Guimarães chama-se ele; ela, Cristina. Tinham um filho a quem puseram o nome de Abílio. Cansados de lhe dar maus-tratos, pegaram do filho, meteram-no dentro de um caixão e foram pô-lo em uma estrebaria, onde o pequeno passou três dias, sem comer nem beber, coberto de chagas, recebendo bicadas de galinhas, até que veio a falecer. Contava dois anos de idade. Sucedeu este caso em Porto Alegre, segundo as últimas folhas, que acrescentam terem sido os pais recolhidos à cadeia, e aberto o inquérito. A dor do pequeno foi naturalmente grandíssima, não só pela tenra idade, como porque bicada de galinha dói muito, mormente em cima de chaga aberta. Tudo isto, com fome e sede, fê-lo passar “um mau quarto de hora”, como dizem os franceses, mas um quarto de hora de três dias, donde se pode inferir que o organismo do menino Abílio era apropriado aos tormentos. Se chegasse a homem, dava um lutador resistente, mas a prova de que não iria até lá, é que morreu.

Se não fosse Schopenhauer, é provável que eu não tratasse deste caso diminuto, simples notícia de gazetilha. Mas há na principal das obras daquele filósofo um capítulo destinado a explicar as causas transcendentais do amor. Ele, que não era modesto, afirma que esse estudo é uma pérola. A explicação é que dois namorados não se escolhem um ao outro pelas causas individuais que presumem, mas porque um ser, que só pode vir deles, os incita e conjuga. Apliquemos esta teoria ao caso de Abílio.

Um dia Guimarães viu Cristina, e Cristina viu Guimarães. Os olhos de um e de outro trocaram-se, e o coração de ambos bateu fortemente. Guimarães achou em Cristina uma graça particular, alguma coisa que nenhuma outra mulher possuía. Cristina gostou da figura de Guimarães, reconhecendo que entre todos os homens era um homem único. E cada um disse consigo: “Bom consorte para mim!”. O resto foi o namoro mais ou menos longo, o pedido da mão da moça, as formalidades, as bodas. Se havia sol ou chuva, quando eles casaram, não sei; mas, suponho um céu escuro e o vento minuano, valeram tanto como a mais fresca das brisas debaixo de um céu claro. Bem-aventurados os que se possuem, porque eles possuirão a terra. Assim pensaram eles. Mas o autor de tudo, segundo o nosso filósofo, foi unicamente Abílio. O menino, que ainda não era menino nem nada, disse consigo, logo que os dois se encontraram: “Guimarães há de ser meu pai e Cristina há de ser minha mãe;

é preciso que nasça deles, levando comigo, em resumo, as qualidades que estão separadas nos dois”. As entrevistas dos namorados era o futuro Abílio que as preparava; se eram difíceis, ele dava coragem a Guimarães para afrontar os riscos, e paciência a Cristina para esperá-lo. As cartas eram ditadas por ele. Abílio andava no pensamento de ambos, mascarado com o rosto dela, quando estava no dele, e com o dele, se era no pensamento dela. E fazia isso a um tempo, como pessoa que, não tendo figura própria, não sendo mais que uma idéia específica, podia viver inteiro em dois lugares, sem quebra da identidade nem da integridade. Falava nos sonhos de Cristina com a voz de Guimarães, e nos de Guimarães com a de Cristina, e ambos sentiam que nenhuma outra voz era tão doce, tão pura, tão deleitosa.

Enfim, nasceu Abílio. Não contam as folhas cousa alguma acerca dos primeiros dias daquele menino. Podiam ser bons. Há dias bons debaixo do sol. Também não se sabe quando começaram os castigos, — refiro-me aos castigos duros, os que abriram as primeiras chagas, não as pancadinhas do princípio, visto que todas as cousas têm um princípio, e muito provável é que nos primeiros tempos da criança os golpes fossem aplicados diminutivamente. Se chorava, é porque a lágrima é suco da dor. Demais, é livre — mais livre ainda nas crianças que mamam, que nos homens que não mamam.

Chagado, encaixotado, foi levado à estrebaria, onde, por um desconcerto das cousas humanas, em vez de cavalos, havia galinhas. Sabeis já que estas, mariscando, comiam ou arrancavam somente pedaços da carne de Abílio. Aí, nesses três dias, podemos imaginar que Abílio, inclinado aos monólogos, recitasse este outro de sua invenção: “Quem mandou aqueles dois casarem-se para me trazerem a este mundo? Estava tão sossegado, tão fora dele, que bem podiam fazer-me o pequeno favor de me deixarem lá. Que mal lhes fiz eu antes, se não era nascido? Que banquete é este em que o convidado é que é comido?”.

Nesse ponto do discurso é que o filósofo de Dantzig, se fosse vivo e estivesse em Porto Alegre, bradaria com a sua velha irritação: “Cala a boca, Abílio. Tu não só ignoras a verdade, mas até esqueces o passado. Que culpa podem ter essas duas criaturas humanas, se tu mesmo é que os ligaste? Não te lembras que, quando Guimarães passava e olhava Cristina, e Cristina para ele cada um cuidando de si, tu és que os fizeste atraídos e namorados? Foi a tua ânsia de vir a este mundo que os ligou sob a forma de paixão e de escolha pessoal. Eles cuidaram fazer o seu negócio, e fizeram o teu. Se te saiu mal o negócio, a culpa não é deles, mas tua, e não sei se tua somente... Sobre isto, é melhor que aproveites o tempo que ainda te sobrar das galinhas, para ler o trecho da minha grande obra, em que explico as cousas pelo miúdo. É uma pérola. Está

no tomo II, livro IV, capítulo XLIV... Anda, Abílio, a verdade é verdade ainda à hora da morte. Não creias nos professores de filosofia, nem na peste de Hegel...

E Abílio, entre duas bicadas:

*Será verdade o que dizes, Artur; mas é também verdade que, antes de cá vir, não me doía nada, e se eu soubesse que teria de acabar assim, às mãos dos meus próprios autores, não teria vindo cá. Ui! Ai!*¹

O livro que Machado de Assis tem nas mãos é *O mundo como vontade e representação*, segundo volume, capítulo 44, intitulado “Metafísica do Amor”, do filósofo Arthur Schopenhauer. Machado resume em sua crônica o assunto desse livro em poucas palavras:

Há na principal das obras daquele filósofo um capítulo destinado a explicar as causas transcendentais do amor. (...) A explicação é que dois namorados não se escolhem um ao outro pelas causas individuais que presumem, mas porque um ser, que só pode vir deles, os incita e conjuga.

Vejamos agora como Schopenhauer explica essa sua teoria na “Metafísica do Amor”. As questões amorosas desempenham um papel muito importante na obra do filósofo de Dantzig. Não se trata simplesmente de “cada João encontrar a sua Maria”, de cada Guimarães encontrar a sua Cristina, mas da “composição da próxima geração”,² de um, Abílio, talvez. Através do tema do amor, Schopenhauer apresenta filosoficamente a trama do grande drama cósmico — a existência. E o enredo dessa peça é algo trágico-cômico.

A metafísica do amor de Schopenhauer parte da seguinte questão: se a questão amorosa não merece mesmo ser levada a sério, como atestam a grande maioria dos filósofos, já que poucos deles trataram desse tema, por que ela é tema constante dos poetas, por que ela está sempre presente nas histórias publicadas nas páginas dos jornais? Não interrompe, pergunta-se Schopenhauer,

a toda hora as mais sérias ocupações, às vezes pondo em confusão por momentos até mesmo as maiores cabeças, não se intimidando de se intrometer e atrapalhar, com suas bagatelas, as negociações dos homens de Estado e as investigações dos sábios, conseguindo inserir seus bilhetes de amor e as suas madeixas até nas pastas ministeriais e nos manuscritos filosóficos, urdindo diariamente as piores e as mais intrincadas disputas, rompendo as relações mais valiosas, desfazendo os laços mais estreitos, às vezes tomando por vítima a vida, ou a saúde, às vezes a riqueza, a posição e a felicidade,

1 ASSIS, Machado de. O autor de si mesmo. *A Semana*, 1865, p. 655-657.

2 SCHOPENHAUER. *Metafísica do Amor*, p. 9.

sim, fazendo mesmo do outrora honesto um inescrupuloso, do até então leal um traidor, entrando em cena, assim, em toda parte como um demônio hostil, que a tudo se empenha por subverter, confundir e pôr abaixo?.³

Se isso acontece é por que o amor não pode ser arrolado como uma ninharia, pelo contrário, deve ser pensado.

Ainda que possa ser um pouco impreciso negar que haja predecessores filosóficos quanto ao tema do amor, Schopenhauer tem razão ao dizer que quase ninguém, antes dele, pensou plenamente nas implicações que o amor tem para a preservação da existência humana. Tese naturalista que não encontrou eco nem na filosofia de Platão que, segundo Schopenhauer, foi quem mais se ocupou do assunto, principalmente em *O banquete* e o *Fedro*, contudo limitando-se à homossexualidade e à criação do mito, nem em Rousseau, que tratou o tema de forma insuficiente no *Discurso sobre a Desigualdade*, nem em Kant, que na terceira parte de seu ensaio *Sobre o sentimento do Belo e do Sublime* tratou o tema muito superficialmente e sem conhecimento de causa e, por isso, de forma incorreta, e nem mesmo em Spinoza que, em sua *Ética* IV, proposição 44, demonstração, diz que o amor é uma cócega acompanhada da idéia de uma causa exterior.⁴

Segundo Schopenhauer, só a metafísica da vontade pode dar a chave do grande enigma do amor, que não é função do espírito, nem desejo instintivo de unidade, ao contrário, é o mais engenhoso dos artifícios da natureza para pôr em prática o importante objetivo da vida humana: a preservação da existência.

É isso que Schopenhauer se propõe a mostrar em sua “Metafísica do Amor”. Assim essa metafísica não é um apêndice em sua obra. Ela está em ligação estreita, como ele mesmo diz, com a sua metafísica em geral,⁵ com sua metafísica da vontade.

Resumamos, em poucas linhas, essa metafísica sem a qual a metafísica do amor não pode ser compreendida. Para Schopenhauer, a vontade constitui o centro do mundo e o núcleo das coisas. Ela não é apenas livre, é absolutamente poderosa. É força que age na natureza e desejo que move o homem. Mas antes de se objetivar em diversos fenômenos, de se exprimir na multiplicidade dos indivíduos, a vontade se objetiva em formas eternas, imutáveis, que não estão nem no espaço nem no tempo. Schopenhauer chama essas formas de Idéias Platônicas. Elas são os modelos e os arquétipos das coisas particulares, as primeiras objetivações do querer na natureza, realidades intermediárias entre

3 SCHOPENHAUER. *Metafísica do Amor*, p. 7-8.

4 Cf. *Ibidem*, p. 5-6.

5 Cf. *Ibidem*, p. 52.

a vontade una e a multiplicidade das individualidades. Poder-se-ia dizer que, como impulso cego e gratuito, como anseio ávido de vida, a vontade se objetivaria imediatamente em Idéias e mediatamente em fenômenos. Para saciar o seu desejo incessante de vida, a unidade primitiva da vontade se multiplicaria por meio do princípio de individuação e de causalidade, espalhando-se em miríades de parcelas que constituiriam o mundo dos fenômenos, mas até no menor e no mais isolado desses fragmentos permaneceria inteiramente una, produto e expressão da vontade.

É importante ainda acrescentar que a vontade e o querer viver, para Schopenhauer, são uma só e mesma coisa. A vontade de viver é a manifestação fenomenal da vontade no domínio orgânico. O que atrai dois indivíduos de sexos diferentes um para o outro é a vontade de vida. E como a vontade é força ou energia vital que perpetua a existência, como é a vontade de viver de uma espécie, se manifesta mais claramente no impulso sexual. O desejo sexual é o que melhor revela a vontade. Os órgãos sexuais são a “morada da vontade”, por oposição ao cérebro, que é “a morada da representação”. Eis por que o tema do amor tem tanto interesse para ele, já que concerne ao bem da espécie e não apenas ao indivíduo. Schopenhauer reduz, assim, todos os tipos de amor à sexualidade. Porque o amor, como um impulso sexual, é o meio através do qual a vida irrompe nesse mundo.

A filosofia do amor sexual de Schopenhauer parte de teses naturalistas. “Todo o enamorar-se”, diz ele, “por mais etéreo que possa parecer, enraíza-se unicamente no impulso sexual, e é apenas um impulso sexual mais bem determinado, mais bem especializado e mais bem individualizado no sentido rigoroso do termo”.⁶ O verdadeiro fim de todo romance de amor, apesar de ser inconsciente para seus participantes, é o nascimento de uma criança.⁷

Assim, o filósofo interpreta todas as pretensões amorosas como ilusões, como parte de um estratagema da vontade para perpetuar a existência. Embora o impulso sexual, em si mesmo, seja puramente subjetivo, pode ser satisfeito de inúmeras maneiras, mas, quando se transforma em amor apaixonado, quando põe a máscara de uma admiração objetiva, iludindo a consciência com uma apreciação ou uma avaliação positiva dos atributos da pessoa amada, não é algo mais que serve a um gozo particular, está, na verdade, trabalhando para a espécie. Nessa medida todo amor apaixonado é ilusório, quanto maior a paixão, maior é ainda a ilusão. A ilusão do amor é um estratagema biológico, por meio do qual a natureza atinge seus fins. O indivíduo pensa perseguir os seus fins

6 SCHOPENHAUER. *Metafísica do Amor*, p. 7.

7 Cf. *Ibidem*, p. 11.

próprios, quando na verdade trabalha para algo universal, a espécie. A vontade atua, dessa maneira, enganando a consciência do amante no que diz respeito à perfeição da pessoa amada, a fim de dirigir seu apetite sexual para os fins da reprodução.

A inclinação crescente entre dois amantes é já, propriamente falando, a vontade de vida do novo indivíduo, que eles podem e gostariam de procriar. No encontro dos olhares cheios de desejo dos amantes desabrocha a nova vida, “anunciando-se como uma individualidade vindoura harmoniosa e bem constituída”.⁸ “Terá do pai a vontade ou o caráter e da mãe o intelecto, e a corporificação de ambos: no entanto, na maioria das vezes a figura se ajustará mais à do pai, a grandeza mais à da mãe — conforme a lei de procriação híbrida dos animais, baseada sobretudo em que a grandeza do feto tem de se ajustar à grandeza do útero”.⁹

Não necessitamos nos deter nos detalhes dessas observações tão pouco científicas; devemos considerar, aqui, apenas, que é no encontro e no enlace de olhares desejosos dos amantes que “nasce a primeira semente do novo ser que, todavia, como todas as sementes, na maioria das vezes será esmagada”.¹⁰

Para que a geração seguinte tenha uma composição definida e determinada é necessário que “este homem em particular” e “esta mulher em particular” se interessem um pelo outro, sintam excitação sexual e se unam para engendrar filhos. Cada novo indivíduo é, em certa medida, uma nova forma platônica que se esforça por adquirir existência através da paixão de seus pais. Homens e Mulheres se vêem lançados um nos braços do outro por um instinto sexual que a vontade manipula em prol da geração que só eles podem produzir.

Voltemos a Machado. Em “O autor de si mesmo”, ele encena a vida, tal como a compreendeu a partir de Schopenhauer. “Se não fosse Schopenhauer”, diz ele, “é provável que eu não tratasse deste caso diminuto, simples notícia de gazetilha”. Para essa encenação trágico-cômica, apresenta seus personagens: Guimarães, Cristina, Abílio e o próprio Artur Schopenhauer, sem o H no nome.

A tragédia de Abílio começa com um amor à primeira vista, talvez com a pergunta de Shakespeare: “Quem já amou, que não tenha amado à primeira vista?”.¹¹ Como via de regra, a paixão de Guimarães por Cristina e de Cristina por Guimarães nasceu à primeira vista. “Uma simpatia de sangue” surgiu da troca de olhares e do bater dos corações. Mas o que viu Guimarães em Cristina

8 SCHOPENHAUER. *Metafísica do Amor*, p. 11.

9 *Ibidem*, p. 12.

10 *Ibidem*, p. 13.

11 *Ibidem*, p. 39.

e Cristina em Guimarães? “Guimarães achou em Cristina uma graça particular”. Talvez aqui, lembrando ainda a metafísica do amor de Schopenhauer, pudéssemos acrescentar alguns aspectos à descrição de Machado, dizendo que encantou a Guimarães a juventude de Cristina. Cristina, ainda segundo o nosso filósofo, deveria ter entre dezoito e vinte e cinco anos, idade preferida dos homens para a reprodução. Deveria ser bela, pois a beleza favorece sempre o impulso sexual. Ter saúde e um esqueleto bem formado, porque é ele o fundamento de todo tipo da espécie. Cristina não era mirrada, retorcida, nem tinha um andar coxo. Pelo contrário, deveria ser, ainda na ótica da filosofia de Schopenhauer, bem talhada e de pés pequenos. Uma coluna de ouro assentada sobre pés de prata.¹² Também os dentes chamavam a atenção. Cristina certamente possuía uma boa dentição, essencial para gerar um fruto sadio. Tinha também abundância de carnes e peitos bem dotados; prometia assim ao feto um rico alimento no jorro das delícias.

Aqui, ainda fazendo conjecturas, fundamentada em trechos da *Metafísica do amor*, focalizo a beleza do rosto de Cristina. Guimarães deve ter sido atraído por um belo nariz, nem curto nem arrebitado, mas em boa curvatura; por uma boca pequena, com maxilares harmoniosos, que não lembrava em nada o focinho dos animais; por belos olhos, que revelavam as qualidades psíquicas, sobretudo as intelectuais, herdadas da mãe. Embora as qualidades de caráter de Cristina possam ter chamado a atenção de Guimarães, não foram elas que prevaleceram; atentou-lhe principalmente a sua beleza corporal.

E Cristina o que viu em Guimarães? Segundo a percepção de Schopenhauer, viu um jovem senhor de 30 a 35 anos. A beleza do rosto de Guimarães não era para ela o mais importante. Sentiu-se cativada pela sua força e coragem, pois estas prometiam a procriação de crianças fortes. Chamou-lhe a atenção a estrutura masculina do seu esqueleto, ombros largos, ancas estreitas, pernas retas, força muscular e barba.

Cristina também se sentiu atraída pelas qualidades psíquicas de Guimarães, como é próprio de toda mulher, não viu cara, mas coração. Chamou-lhe a atenção seu caráter, firmeza de vontade, resolução, coragem, honradez do coração, bondade. Os méritos intelectuais não exerciam sobre ela nenhum poder direto e instintivo. A pouca inteligência de Guimarães não a incomodava. Cristina não se enamorou pelo espírito de Guimarães. Reconheceu apenas que “entre todos os homens era um homem único”.

Se essas descrições correspondem ao que Schopenhauer chama de “considerações absolutas”, são elas que estão no fundamento do amor sexual.

12 Cf. SCHOPENHAUER. *Metafísica do Amor*, p. 24.

Passo agora às relativas, porque são as individuais, são as que, segundo o filósofo de Dantzig, retificam a espécie, corrigem os desvios que a própria pessoa traz em si. Assim sendo, cada um ama o que lhe falta. E a origem do amor apaixonado estaria, pois, relacionada de certa forma a essas “considerações relativas”. Schopenhauer lança mão de uma “metáfora química”: ambas as pessoas têm de se neutralizar mutuamente, como ácido e álcali num sal neutro.¹³ As mulheres fracas procuram homens fortes, homens pequenos procuram mulheres grandes, louros anseiam por morenas, narizes achatados têm uma satisfação inexprimível diante dos narizes aquilinos, as caras de papagaio.

Olhando um nos olhos do outro, Cristina e Guimarães exclamaram juntos: “Bom consorte para mim!”.

“Suspiro do gênio da espécie”, revela Schopenhauer.

Casaram-se.

“Mas o autor de tudo, segundo o nosso filósofo, foi unicamente Abílio”. Mais precisamente, o “Gênio da espécie”, personificado em Cupido, deus hostil e cruel, demoníaco, caprichoso e despótico que, meditando sobre a geração vindoura, lança Abílio com uma de suas flechas para um mundo que ainda não tinha nem espaço nem tempo. Um menino que não tinha uma figura própria, que, como diz Machado de Assis, era apenas uma “Idéia específica” ou, como quer Schopenhauer, apenas uma “Idéia platônica”, mas que já se esgueirava para se manifestar no mundo fenomênico. Ele, da mesma forma que todas as Idéias que o acompanhavam, agarra com avides a matéria e se esforça para se realizar no mundo. Essa avides e essa força são justamente a paixão dos futuros pais um pelo outro.

Assim como uma Idéia que quer fazer sua *rentrée* no mundo, Abílio usava de um disfarce. Ora se mascarava com o rosto de Cristina, povoando com graça o pensamento de Guimarães, ora se mascarava com o rosto de Guimarães, enchendo de coragem o coração de Cristina. Sendo ainda uma “Idéia específica”, uma Vontade apenas objetivada, sem pertencer ainda ao mundo fenomênico, “Abílio podia viver inteiro em dois lugares, sem quebra de identidade nem de integridade. Falava nos sonhos de Cristina com a voz de Guimarães, e nos de Guimarães com a de Cristina, para ambos essa voz era muito doce, pura e deleitosa”.

Abílio nasceu. E logo vieram as pancadas.

Embora as folhas não tenham revelado a Machado nenhum detalhe que justificasse o fato de os pais terem abandonado Abílio para deixá-lo aos cuidados

13 SCHOPENHAUER. *Metafísica do Amor*, p. 29.

das galinhas, podemos conjecturar sobre o desfecho trágico, seguindo ainda a filosofia de Schopenhauer.

“A suprema paixão extingue-se no gozo, para o grande espanto dos envolvidos”,¹⁴ diz o filósofo pessimista. “Um Teseu feliz abandonará a sua Ariadne”. O “Gênio da espécie”, que tinha tomado posse do indivíduo, deixa-o novamente livre. Abandonado, ele recai em sua limitação e pobreza originárias, vê com espanto que, após esforços tão elevados, heróicos e infinitos, nada obteve para seu gozo a não ser o que dá qualquer satisfação sexual. Contra sua expectativa ele não se encontra mais feliz do que antes, mas nota que foi enganado pela vontade da espécie.

Depois da realização da grande obra — Abílio — Cristina e Guimarães sentem-se ludibriados sem terem mais a ilusão com a qual o gênio da espécie os tinha animado e enganado; percebendo que se sacrificaram por um objetivo que não surgiu deles mesmos, que contraria mesmo os seus interesses pessoais, vêm, então, sepultada a sua felicidade, passando a ter um companheiro ou uma companheira odiosa.

Por que a natureza precisou de um Abílio para depois tirar sua vida não temos dados para explicar.

Machado termina sua tragicomédia pondo em cena Schopenhauer recriminando Abílio: “Foi a tua ânsia de vir ao mundo que os ligou sob a forma de paixão e de escolha pessoal. Eles cuidaram fazer o seu negócio e fizeram o teu. Se te saiu mal o negócio, a culpa não é deles, mas tua, e não sei se tua somente... Sobre isto, é melhor que aproveites o tempo que ainda te sobrar das galinhas, para ler o trecho da minha grande obra, em que explico as cousas pelo miúdo”.

Ao que Abílio retruca: “Será verdade o que dizes, Artur; mas é também verdade que, antes de cá vir, não me doía nada, e se eu soubesse que teria de acabar assim, às mãos dos meus próprios autores, não teria vindo cá. Ui! Ai!”

Se essa crônica tivesse sido escrita por Schopenhauer, ela, provavelmente, teria um outro final, teria uma versão bramânica:

“— Desgraça! Desgraça! O *lingam* (pênis) está na *yoni* (vagina).

— Traidores! Suas aspirações secretas tendem a perpetuar todas estas misérias e todos estes tormentos que poderiam ter um fim, mas isto eu sei que não é possível, pois vocês amantes continuarão amando como sempre fizeram aqueles que amaram antes de vocês. Uma nova geração está sendo preparada, porque o amor não morre jamais.”

14 SCHOPENHAUER. *Metafísica do Amor*, p. 37.

Tal como Schopenhauer, Machado pôs em cena o grande drama da existência humana. Sistematizou no “Autor de si mesmo” sua visão pessimista da vida. Os seres humanos estão condenados à infelicidade, não só porque são títeres de uma força inconsciente e instintiva, mas porque a estrutura inata do afeto impede de maneira inerente a aquisição da felicidade.

Referências

- ASSIS, Machado de. Crônica. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. v. III.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Zurich: Haffmans Verlag, 1988. v. I e II.
- _____. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- _____. *Metafísica do Amor*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.